

O acontecimento da *trollagem* na ordem do discurso político brasileiro: limites entre o humor e o discurso de ódio

The event of trolling in the order of Brazilian political discourse: boundaries between humor and hate speech

Myllena Araujo do Nascimento

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil

Amanda Braga

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil

Resumo: O artigo objetiva analisar o acontecimento da *trollagem* na ordem do discurso político brasileiro, ocupando um lugar no limiar entre o humor e o discurso de ódio. Considerando o impacto da internet no cenário político e a ascensão da extrema direita, bem como as práticas discursivas que daí emergem, a discussão contemplará a irrupção e o funcionamento da *trollagem* política no Brasil. O intuito será o de demonstrar que a *trollagem*, aqui tomada como acontecimento, provocou uma mutação discursiva em relação aos modos de dizer do discurso de ódio no interior do discurso político, uma vez que este último, na contemporaneidade, adota estratégias humorísticas anteriormente regulares apenas em ambiente digital. Com vistas a tal discussão, serão analisados dois enunciados produzidos pela extrema direita brasileira, particularmente materializados em uma fala pública e em um gesto público. Como aporte teórico-metodológico, utilizaremos as ferramentas oferecidas pelos Estudos Discursivos Foucaultianos, sobretudo no que concerne ao método arqueológico proposto por Michel Foucault e às noções de enunciado e acontecimento.

Palavras-chave: Discurso político; *Trollagem*; Humor; Discurso de ódio

Abstract: The article aims to analyze the event of *trolling* in the order of Brazilian political discourse, occupying a place on the threshold between humor and hate speech. Considering the impact of the internet on the political scene and the rise of the extreme right, as well as the discursive practices that emerge from it, the discussion will contemplate the emergence and functioning of political *trolling* in Brazil. The objective will be to demonstrate that *trolling*, here taken as an event, provoked a discursive mutation in relation to the ways of saying hate speech within the political discourse, since the latter, in contemporary times, adopts previously regular humorous strategies only in a digital environment. With view to this discussion, two statements produced by the Brazilian extreme right will be analyzed, particularly materialized in a public speech and in a public gesture. As a theoretical-methodological contribution, we will use the tools offered by Foucaultian Discursive Studies, especially regarding the archaeological method proposed by Michel Foucault and the notions of statement and event.

Keywords: Political discourse; Trolling; Humor; Hate speech



1 Introdução

“Ela [repórter] queria um furo. Ela queria dar o furo a qualquer preço contra mim”. Eis aí a declaração proferida pelo atual presidente brasileiro, Jair Bolsonaro, no dia 18 de fevereiro de 2020, em entrevista a um grupo de apoiadores em frente ao Palácio da Alvorada (URIBE, 2020). Com tal declaração – aparentemente inofensiva, seguida por risos tanto de Bolsonaro, quanto dos demais presentes –, o presidente insulta, haja vista a conotação sexual do enunciado, a jornalista da *Folha de São Paulo*, Patrícia Campos Mello. O insulto foi uma referência à matéria, publicada em dezembro de 2018, em que a jornalista revela a contratação de empresas de marketing para envio de mensagens em massa durante a campanha eleitoral de 2018, o que teria beneficiado a eleição do presidente. Em razão desta denúncia, Patrícia Campos Mello seria duramente perseguida por grupos de direita, e o seria ainda mais ao ter sua revelação colocada em xeque por um ex-funcionário de uma dessas empresas, em depoimento à CPMI das Fake News. A declaração de Jair Bolsonaro é uma resposta à jornalista e um gesto de apoio ao depoente, que seria, inclusive, desmentido pela *Folha de São Paulo* naquele mesmo dia (VEJA, 2020). Mais do que isso: a declaração do presidente, assim como outras proferidas por ele e por seus simpatizantes, é um enunciado que atesta o acontecimento (FOUCAULT, 2014; 2020) da *trollagem* no interior da ordem do discurso político brasileiro, ocupando um lugar no limiar entre o humor e o discurso de ódio.¹

Para compreender este acontecimento, é preciso, antes, dizer que, até 1998, o arquivo do discurso político era mais homogêneo, o que significa que seu modo de produção era mais regular (SARGENTINI, 2015). Nos últimos 20 anos, entretanto, uma série de fatores, das mais diversas ordens, perturbaram esta homogeneidade: a popularização da internet, o intenso uso das redes sociais pelos sujeitos políticos e, mais recentemente, a ascensão da extrema direita e a proliferação das *fake news*, acabaram por produzir discontinuidades na ordem do discurso político.² E um dos aspectos que sofreu

¹ Adotaremos o conceito de discurso de ódio tal como definido pela ONU: “O termo discurso de ódio é entendido como qualquer tipo de comunicação na fala, na escrita ou no comportamento que ataque ou use linguagem pejorativa ou discriminatória com referência a uma pessoa ou a um grupo com base em quem eles são, ou seja, com base em sua religião, etnia, nacionalidade, raça, cor, descendência, gênero ou outro fator de identidade” (UNITED NATIONS, 2019, p. 2).

² Fazemos aqui uma distinção entre a direita moderada/ *mainstream*, que prevaleceu no sistema político brasileiro desde a redemocratização e que possui como principal característica a defesa da economia de mercado; e a direita radical/ extrema direita, que se sobrepôs após a vitória de Jair Bolsonaro nas eleições

descontinuidade foi a utilização do humor. A este respeito, podemos dizer que a campanha presidencial de 2014, no Brasil, já havia promovido uma ruptura em relação às campanhas anteriores em virtude do uso do humor agressivo, embora amenizado por ataques sutis ou indiretos, aparentemente inofensivos (CHIARI, 2021). Entre as campanhas de 2014 e 2018, entretanto, assistiu-se a uma considerável ampliação e intensificação na recorrência e no grau de agressividade do humor. Isto porque, em 2018, viabilizou-se um humor empregado como discurso de ódio. Tratou-se de uma campanha cujo grau de agressividade foi classificado como “descontrolado, puro e tolerante”: “Consiste na desqualificação do outro por meio de ataques, provocações, ameaças e acusações diretas. Encontra-se no limiar entre a agressividade simbólica e a física” (CHIARI, 2021, p. 38). É este tipo de humor agressivo, regularmente utilizado pelo atual presidente e por seus respectivos aliados, que caracteriza a *trollagem*.

Neste trabalho, consideramos o conceito de *trollagem* política tal como cunhado por Lamerichs et al: “não apenas como um ato de postar mensagens e memes de ódio, mas como um fenômeno mais amplo por meio do qual os usuários se envolvem em um comportamento influente e tóxico” (2018, p. 182-183). Nestes termos, consideramos a *trollagem* como um acontecimento que, na ordem do discurso político e sob o véu de um discurso humorístico e inofensivo, viabiliza uma escalada de discursos autoritários e conservadores, provocando uma descontinuidade do uso do humor no cenário político e fomentando o recrudescimento de discursos de ódio direcionados a determinados grupos sociais. É este acontecimento que propomos aqui discutir, considerando sua irrupção e seu funcionamento na dispersão do discurso político brasileiro. Como *corpus* de análise, tomaremos dois enunciados produzidos pela extrema direita brasileira, particularmente materializados em uma fala pública e em um gesto público.

2 O acontecimento da *trollagem*: irrupção e funcionamento

Apesar da recente visibilidade do termo *troll*, particularmente obtida no início da década de 2010, o primeiro registro da nomenclatura provém da plataforma *Usenet*, criada em

de 2018 e que pode ser caracterizada como tendo uma perspectiva econômica neoliberal, pautas conservadoras e interferência do Estado em escolhas privadas dos cidadãos, além de aversão ao sistema político e perseguição aos opositores (SANTOS; TANSCHKEIT, 2019).

1979, nos Estados Unidos.³ A migração, de parte dos *trolls*, deste tipo de plataforma para redes sociais como Twitter, Facebook e Tumblr se deu muito em virtude da ascensão da *alt-right* (abreviação do termo *alternative-right*, ou “direita-alternativa” em português) no contexto político ocidental, principalmente após a eleição do ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, em 2016. Lamerichs et al (2018) afirmam que a *alt-right* tem uma longa história de ligação à extrema direita americana, que vem crescendo consideravelmente desde os anos 90, com a disseminação de um patriotismo exacerbado. Neiwert (2017 *apud* LAMERICHS et al 2018, p. 181) define a *alt-right* dos últimos anos como um “movimento que consiste em grupos aparentemente desconectados – nativistas, patriotas, supremacistas brancos e nazistas autodeclarados, para nomear alguns”. São grupos que, embora classificados de forma homogênea, possuem agendas conflitantes; e justamente essas ideias conflitantes teriam produzido o imenso e singular universo intitulado de “direita alternativa”, que tem origem nas ideias nacionalistas brancas, nos ideólogos “tradicionalistas” de extrema direita e cujos adeptos são recrutados e organizados majoritariamente através da *web*.

Dentre as várias práticas discursivas (FOUCAULT, 2016) inerentes à direita alternativa, a maestria na arte da *trollagem* foi o que a inseriu no cenário nacional. Um *troll* da internet é:

alguém que promove a discórdia online, provocando fortes reações emocionais nos leitores e, muitas vezes, mudando o assunto da conversa. A trollagem nem sempre tem um propósito político óbvio; um troll pode estar procurando nada além de um momento de diversão niilista. A trollagem pode assumir a forma de insultar a aparência de alguém ou dar deliberadamente maus conselhos sobre um problema tecnológico, por exemplo. Mas a Alt-Right usa a trollagem com um propósito. Ao sair de sites especificamente voltados a um público radical de direita e participar de discussões em outros fóruns, como, por exemplo, nas seções de comentários dos principais locais de notícias, YouTube e, especialmente no Twitter, a Alt-Right é capaz de circular amplamente sua mensagem. Trolls da Direita Alternativa ajudam a dispersar as visões do movimento muito além do que seria possível se o movimento só pudesse ser encontrado em suas próprias plataformas. (HAWLEY, 2017, p. 19-20)

Assim, a *trollagem* seria, primeiramente, uma prática discursiva que ataca a sensibilidade do interlocutor e que desvia do assunto em pauta após obter sucesso, bem

³ *Usenet* é uma rede distribuída, ou seja, uma rede que não é controlada por uma única fonte. Ela funciona com servidores de diferentes *hosts* se alimentando mutuamente, distribuindo e armazenando dados. Em tal rede, os usuários postam mensagens de texto em fóruns que são agrupados por assunto.

como que objetiva o humor a despeito dos meios agressivos empregados em sua conquista. Mas, para além disso, a *trollagem*, tal como utilizada pela direita alternativa, é ainda uma prática discursiva que auxilia na disseminação de mensagens produzidas no interior do movimento, lançando mão do humor na distribuição de mensagens de ódio. Desse modo, enquanto os antigos movimentos nacionalistas brancos são considerados reacionários, amargos e antissociais, a contemporânea direita alternativa se apresenta como alegre e jovial, mesmo quando os membros deste grupo dizem coisas abomináveis. À proporção que os primeiros não acreditam na existência do Holocausto, por exemplo, a segunda trata o genocídio cometido pelos nazistas como uma piada. Essa diferença discursiva em torno de um mesmo assunto favorece apoiadores em potencial à direita alternativa, pois este grupo atrai novos membros com ousadia (*edginess*) e diversão. Essas idiossincrasias são responsáveis por um paradoxo da *alt-right*, pois a adesão a grupos de *trollagem* e não a movimentos como a *Ku Klux Klan* se dá exatamente pelo fato de a potencial ameaça da direita alternativa ser aparentemente menor, o que gera ainda mais temor à política tradicional (HAWLEY, 2017).

O deslocamento da *trollagem* de seu ambiente usual para as mídias digitais populares acarreta algumas mudanças nesta prática. Sanfilippo e Fichman (*apud* ANTUNES, 2019) apresentam a existência de dois perfis de *trolls* nas mídias sociais: os sociais e os políticos. Os sociais são impulsionados pela busca do pertencimento ou da confiança pessoal. Os *trolls* políticos, por sua vez, atacam os argumentos dos opositores em seções de comentários ou mídias sociais e *sites* de notícias, plataformas em que espalham seus ideais. A *trollagem* política, além de ser uma prática de usuários comuns da *web*, tornou-se, principalmente a partir das eleições estadunidenses de 2016, uma prática regular entre políticos simpatizantes da direita alternativa, que utilizam suas estratégias discursivas, sem necessariamente serem membros do movimento. Stein (*apud* ANTUNES, 2019) aponta o ex-presidente Trump como um praticante da *trollagem*, pois, além de compartilhar, em suas redes sociais oficiais, conteúdos produzidos por *trolls*, como *memes* e tweets, o republicano também usa estratégias discursivas idênticas para atacar seus adversários políticos. Assim, aquilo que anteriormente poderia ser lido como uma forma de humor, ainda que questionável, acaba por assumir uma agenda política com vertente extremista de direita. Uma política nihilista e de desprezo à humanidade: “Os *trolls* contemporâneos acham a dor divertida e a utilizam como uma arma da qual obtêm

diversão e poder às custas do bem-estar mental, físico ou emocional de outra pessoa” (OLSON; LAPOE, 2017, p. 119).

De forma análoga, representantes políticos brasileiros também vêm utilizando a *trollagem* para chamar a atenção de possíveis seguidores. O guru da extrema direita brasileira, recentemente falecido, Olavo de Carvalho, por exemplo, publicou em suas redes sociais a foto e o endereço do jornalista Denis Russo Burgierman (SILVA, 2019). O ataque ocorreu em virtude de uma matéria publicada sobre o filósofo na revista *Época*, o que rendeu ao jornalista o título de inimigo por parte de Olavo de Carvalho. A atitude de Carvalho representa um caso de *doxxing* (ação de revelar informações de identificação sobre alguém na internet). Casos como esse comprovam o viés ideológico da *trollagem*, nos quais há a imposição de ideais políticos, usados como pretexto para os ataques. São práticas de vanglória e humor inflamatório, que funcionam como um agitador e que provocam choques emocionais naqueles que não pertencem ao grupo. Assim, a exploração da *trollagem*, no âmbito político brasileiro, mobiliza certas emoções preponderantes na esfera das sensibilidades das sociedades de massa, como a raiva e o ressentimento, que inflamam a polarização política e incentivam a disseminação de discursos de ódio.

A conquista da presidência brasileira por Jair Bolsonaro – ou pelo “Partido dos Trolls”, conforme Avelar (2020) – não apenas promoveu a ascensão e a popularização da extrema direita no país, como também ofereceu vazão à utilização da *trollagem* digital, usada incessantemente pelo grupo ideológico do bolsonarismo nas redes sociais, sobretudo no WhatsApp, e cujo emprego assume uma série de regularidades retóricas:

atuação reiterada nos mesmos veículos, registro extremamente agressivo contra o interlocutor ou o sujeito tematizado no discurso, desconsideração completa da diferença entre verdade factual, hipótese não fundamentada e pura invenção, modo hiperbólico do discurso, postulação permanente de algo oculto e adoção de uma ambiguidade acerca da seriedade ou não do enunciado e da crença ou descrença do sujeito enunciadador nele. (AVELAR, 2021, p. 256)

Um dos aspectos apontados pelo autor é fundamental para entender o uso da *trollagem* como estratégia discursiva com fins políticos: a incerteza sobre a veracidade das informações objetiva sustentar a denegação automática, caso o enunciado seja desmentido ou questionado, além de conceder o humor necessário à conservação da atenção do usuário na efemeridade das redes sociais. Desse modo, o *troll* opera em um

jogo discursivo em que verdade e mentira se amalgamam e se confundem no interior da ordem discursiva digital. Esse contexto de proliferação de enunciados que fogem ao escopo das instâncias e dos mecanismos de apuração da veracidade dos discursos se entrecruza com a luta pelo domínio da “verdade” fomentada pela guerra cultural. E esta guerra cultural, conforme Rocha (2021, p. 113), “implica um entendimento fundamentalista do mundo, cujo corolário é a eliminação pura e simples de tudo que seja diverso”. É a partir dessa concepção agônica de disputa cultural, em que não há espaço para o diálogo democrático, que a estratégia discursiva bolsonarista conquistou espaço no contexto político brasileiro. E é nesse ínterim que a *trollagem* deixa de ser uma “brincadeira” de alguns *trolls* da *web*, e passa a ser uma estratégia de proliferação de discursos de ódio por parte de membros do núcleo ideológico da extrema direita brasileira.

Dito isto, e considerando as distinções antes apresentadas entre o uso do humor e os níveis de agressividade entre as eleições de 2014 e 2018, pode-se então dizer que a prática da *trollagem* se configura como um acontecimento, compreendido conforme Foucault (2014; 2020), na ordem do discurso político brasileiro. Por um lado, concebemos na condição de acontecimento (FOUCAULT, 2020) os enunciados que materializam a *trollagem*, haja vista o fato de que produzem, mediante seu funcionamento e no interior do arquivo do discurso político, uma série de descontinuidades, particularmente aquelas que concernem ao uso do humor neste cenário. Por outro lado, concebemos também como acontecimento o próprio funcionamento e a própria dispersão do fenômeno da *trollagem* no interior das relações de poder. Afinal, também segundo Foucault (2014), um acontecimento é “sempre uma dispersão; uma multiplicidade. É o que pesa aqui e ali; é policéfalo”. Trata-se de algo que “se dispersa entre instituições, leis, vitórias e derrotas políticas, reivindicações, comportamentos, revoltas, reações” (FOUCAULT, 2014, p. 175). Assim, considerar a *trollagem* como acontecimento é considerar um fenômeno que tanto se materializa nos enunciados que produz, quanto se dispersa no interior da luta política, promovendo aí rupturas de ordens diversas.

3 Materialidades da *trollagem*: falas públicas e gestos públicos

Em trabalho anterior (NASCIMENTO; BRAGA, 2021), analisamos o funcionamento da *trollagem* em *memes* produzidos pela direita alternativa brasileira. Aqui, considerando a dispersão da *trollagem* no interior da luta política, nossa proposta é a de estender esta análise a mais dois tipos de materialidade: as falas públicas e os gestos públicos. Para tanto, partimos da ideia foucaultiana (1999, p. 56-57) segundo a qual, a despeito da comum tendência a uma visão teleológica dos acontecimentos, seria preciso considerá-los não a partir de noções como consciência e continuidade, mas a partir de noções como “as do acontecimento e da série, com o jogo de noções que lhes são ligadas; regularidade, causalidade, descontinuidade, dependência, transformação”. Desse modo, os estudos discursivos foucaultianos não objetivam compreender o jogo de causas e efeitos que perpassa os acontecimentos, mas “estabelecer as séries diversas, entrecruzadas, divergentes muitas vezes, mas não autônomas, que permitem circunscrever o ‘lugar’ do acontecimento, as margens de sua contingência, as condições de sua aparição” (FOUCAULT, 1999, p. 56). Assim, é na dispersão de enunciados que já nos apresentou a *trollagem* materializada em *memes* políticos da extrema direita que analisaremos, aqui, o funcionamento do acontecimento da *trollagem* em falas e gestos públicos no contexto político brasileiro. Quais as condições de possibilidade para a ascensão da *trollagem* na língua estatal? Por que estes enunciados e não outros em seu lugar?

Começamos nossa análise pelo enunciado descrito na abertura deste artigo. Ali, em fevereiro de 2020, Jair Bolsonaro profere uma declaração misógina sobre Patrícia Campos Mello, jornalista da *Folha de São Paulo*, em referência ao depoimento de um ex-funcionário de uma agência de marketing na CPMI das Fake News. A jornalista havia sido responsável por matérias jornalísticas que revelaram a contratação de tais empresas durante a campanha eleitoral de 2018, motivo pelo qual havia sido duramente perseguida. Além de tal ofensa, no mesmo pronunciamento, Bolsonaro ainda utiliza o contexto derrisório para disparar um discurso agressivo contra o PT, seu principal adversário durante as eleições presidenciais:

Ela [repórter] queria um furo. Ela queria dar o furo a qualquer preço contra mim [risos dele e dos demais]. Lá em 2018 ele [Hans] já dizia que ele chegava e ia perguntando: “O Bolsonaro pagou pra você divulgar pelo WhatsApp informações?”. E outra, se você fez *fake news* contra o PT, menos com menos

dá mais na matemática, se eu for mentir contra o PT, eu tô falando bem, porque o PT só fez besteira. (URIBE, 2020)

Foucault (1999) afirma que os discursos devem ser tomados como conjuntos de acontecimentos discursivos. E esses acontecimentos não são imateriais, ao contrário disto, eles se efetivam na materialidade: os acontecimentos são produzidos “como efeito de e em uma dispersão material” (1999, p. 58). Assim, tomamos o enunciado acima como um acontecimento que irrompe e se inscreve em um conjunto de formulações heterogêneas nas quais se dispersa a *trollagem* no cenário político brasileiro contemporâneo. Trata-se de um enunciado que, ancorado entre o humor e a agressividade, remete-nos ao uso estratégico da derrisão no discurso político. Feuerhahn (2001) assevera que o ridículo e a derrisão possuem como pontos em comum o desprezo e a subtração valorativa do objeto ao qual se referem. A derrisão apresenta-se, pois, como estratégia de desvalorização e exclusão dos objetos sociais considerados desprezíveis. Logo, o riso da derrisão é um riso que se fundamenta no menosprezo, a partir do qual se sinaliza um movimento duplo: por um lado, ele intensifica o sentimento de pertencimento entre aqueles que compartilham os valores conferidos ao objeto; e, por outro lado, pressupõe um distanciamento em relação a tal sentimento, haja vista o contexto supostamente humorístico.

Isto posto, o emprego derrisório da palavra “furo”, em tais condições de possibilidade, viabiliza a inferência de uma ambiguidade por parte do interlocutor: no primeiro momento em que o presidente menciona o termo, ele remete ao jargão jornalístico, que designa a publicação de uma notícia ou informação com exclusividade; já na segunda vez que enuncia essa mesma palavra, ele recupera a conotação misógina do termo, numa insinuação de que a jornalista estaria desejando ter relações sexuais com ele. Este jogo enunciativo opera de acordo com o duplo sentido da derrisão: da mesma forma que o riso partilhado entre Bolsonaro e seus apoiadores marca a misoginia dos mesmos em relação à jornalista, ele também sinaliza o distanciamento desses sujeitos em relação às possíveis represálias que daí poderiam decorrer, tendo em vista que “o humor possibilita dizer ou sugerir ideias desagradáveis, sem medo de represálias ou reações violentas” (ZIV; DIEM, 1987 *apud* MERCIER, 2001, p. 11).

Aliás, o uso da derrisão com o objetivo de referir-se aos órgãos sexuais da jornalista insere-se em uma recorrente prática discursiva de líderes populistas machistas.

Conforme Finchelstein (2019, p. 280), “essa vulgaridade e obsessão machista com os órgãos sexuais não são ocasionais e mostram bem uma tendência peculiar do populismo recente”. Assim como Bolsonaro, o ex-presidente equatoriano Abdalá Bucaram também proferiu, em diversas ocasiões, enunciados com conotações sexuais, a exemplo de quando comparou os seus “grandes tomates” aos órgãos genitais dos seus opositores políticos. De la Torre (*apud* FINCHELSTEIN, 2019) explana que tais líderes exibem sua virilidade como uma forma de resistência às “elites afeminadas”. Em suas falas objetificadoras relativamente ao gênero feminino, eles alegam expressar o que todos os homens pensam, mas não podem dizer. Segundo tais líderes, seus atos e corpos reiteram a masculinidade do povo: o “povo”, neste caso, diz respeito somente aos seus seguidores masculinos. São discursos que resultam na manutenção de estereótipos que subordinam as mulheres e ampliam o pacto de poder autoritário machista.

Tais recursos da derrisão integram a estética retórica da *trollagem* usada pela extrema direita, sendo o enunciado de que tratamos um dos elementos dessa cadeia discursiva. Afinal, a ambiguidade característica da derrisão também é um traço adotado pela *trollagem*, já que ela confere a incerteza sobre a seriedade ou não do enunciado e da crença ou descrença do locutor naquilo que enuncia, garantindo a função de denegação automática caso o enunciado seja desmentido ou questionado (AVELAR, 2021). No caso aqui analisado, Bolsonaro emite declarações machistas contra a jornalista, além de proferir hipóteses não fundamentadas sobre a conduta política do Partido dos Trabalhadores. Apesar dos possíveis efeitos negativos do seu discurso, ou mesmo da reponsabilização que sobre ele possa recair, o presidente utiliza a denegação automática inerente à *trollagem* como uma rota de fuga para as consequências de seus atos.

Assim, o uso da *trollagem* como uma tentativa de atenuação da seriedade acerca da produção de discursos injuriosos vai de encontro à responsabilidade inerente a este tipo de enunciação. Segundo Butler (2021, p. 54), “quem enuncia o discurso de ódio é responsável pela maneira como ele é repetido, por reforçar esse tipo de discurso, por restabelecer contextos de ódio e injúria”. Uma vez compartilhado nas redes sociais, o discurso de ódio atinge a vítima não apenas simbolicamente, mas também através de ameaças reais, pois a enunciação pública de um discurso de ódio misógino, realizada pelo sujeito que ocupa o mais alto cargo do poder executivo do país, sustenta o machismo estrutural existente no Brasil e alimenta a rede enunciativa que distribui esse discurso em

outros contextos enunciativos. Afinal, “Não há enunciado que não suponha outros; não há nenhum que não tenha, em torno de si, um campo de coexistências, efeitos de série e de sucessão, uma distribuição de funções e de papéis” (FOUCAULT, 2016, p. 121).

E é justamente considerando tais séries e sucessões, que se pode caracterizar a *trollagem* bolsonarista como toda uma prática discursiva que mantém um regular humor agressivo em sua manifestação; um humor repleto não só de críticas e ataques verbais puros, mas também de vários mecanismos discursivos que têm como objetivo a desqualificação do outro por meio do ridículo. Uma *trollagem*, portanto, que utiliza a derrisão tanto para deslegitimar seus oponentes, quanto para esquivar-se de questionamentos considerados problemáticos. Basta dizer que a declaração aqui analisada, mais particularmente o enunciado “Ela queria um furo. Ela queria dar o furo a qualquer preço contra mim”, foi proferido logo após o presidente ser questionado por um jornalista a respeito do assunto tratado por Patrícia Campos Mello em sua matéria.

Mas o acontecimento da *trollagem* no discurso político não se restringe às falas públicas, ele se estende, ainda, aos gestos públicos. Vejamos o enunciado abaixo:

Figura 1 – Gesto antissemita usado pelo ex-assessor especial para Assuntos Internacionais da Presidência da República



Fonte: *BBC News Brasil* (POR QUE, 2021)

Durante uma sessão do Senado em que parlamentares cobravam a saída do chanceler Ernesto Araújo do cargo, em 24 de março de 2021, o assessor internacional da presidência, Filipe Martins, foi flagrado fazendo gesto antissemita às costas do presidente

do Senado, Rodrigo Pacheco. O assessor juntou o polegar ao indicador, manteve os demais dedos esticados e fez movimentos repetitivos com a mão ao lado do paletó. A crítica que lhe fez frente se deu em razão da ligação deste gesto a movimentos racistas. Os três dedos esticados exprimem a letra *w*, numa alusão à palavra *white* (branco). O círculo formado, por sua vez, faz referência à letra *p*, numa referência à palavra *power* (poder). O símbolo, então, representa o poder branco. Apesar das acusações, Martins refutou posteriormente qualquer conotação racista no gesto e asseverou que estava apenas arrumando a lapela do terno (URIBE; COLETTA; CARVALHO, 2021).

O uso de gestos que possuem um duplo sentido, ou seja, um sentido para determinado grupo e outro para a maior parte da população, é componente de uma política intitulada *dog whistle* (apito de cachorro). Essa política faz uso de uma linguagem codificada que significa uma coisa para a população em geral, mas tem significado específico para o subgrupo que é seu alvo. Assim, esse subgrupo compreende a mensagem e se empodera (NEMER, 2020 *apud* ALESSI; HOFMEISTER, 2020). Trata-se de uma política que faz parte do uso estratégico da *trollagem*, lançando mão de códigos disseminados entre seus membros para possibilitar a difusão de discursos de ódio no cenário público. Essa estética, muito utilizada pela direita alternativa estadunidense, foi apropriada pela extrema direita brasileira e vem sendo utilizada por alguns adeptos dessa ideologia, como podemos perceber no enunciado em questão. Assim como os outros modos de materialização da *trollagem*, o uso de gestos injuriosos fora de determinadas bolhas ideológicas pode causar efeitos negativos aos sujeitos que praticam tais atos, haja vista as críticas feitas ao assessor. No entanto, a denegação automática e a dubiedade intrínsecas à *trollagem* são possíveis rotas de fuga utilizadas pelos *trolls*.

Para além do sentido, também o tipo de humor empregado no gesto fica restrito a um dado grupo. Trata-se, aqui, especificamente, do humor da superioridade. Nele, não há a coparticipação dos pares presentes na comunicação, uma vez que apenas o *troll* e os integrantes do seu grupo possuem o conhecimento do estatuto de seriedade da sua prática, direcionando os outros interlocutores a um estado de minoridade kantiana (FOUCAULT, 2010). O humor da superioridade opera sob uma lógica de pertencimento grupal na qual seus integrantes mobilizam sensibilidades tóxicas semelhantes, como a indignação e a raiva, em relação aos demais. Assim, o gesto de Filipe Martins é tanto um aceno aos outros *trolls* quanto uma externalização da sua “superioridade” relativamente aos demais

interlocutores, que não possuem o conhecimento acerca da seriedade/ humor daquele gesto em relação ao movimento supremacista branco.

Naquilo que concerne à repercussão de tais atos, importa frisar que os *trolls* políticos se valem da polêmica produzida para desviar o foco do debate público, que passa a focar no próprio ato da gesticulação. Sobre essa característica da *trollagem*, Avelar nos diz que:

Definidora de troll é a quantidade infinita de tempo e de energia dedicada à arte de intervir repetidamente em uma conversa de forma a dinamitar as condições de possibilidade daquela conversa, enquanto transforma o próprio frangalho de diálogo que sobra em um eterno bate-boca sobre ele próprio, sobre quem é ele, sobre o que ele faz. Isso é um troll. (AVELAR, 2021, p. 260)

Desse modo, a utilização de uma linguagem codificada através de gestos pouco usuais no cotidiano dos *normies*, isto é, das pessoas que não são *trolls*, provoca uma centralização do debate em torno de seus possíveis significados e do seu grau de seriedade e/ou de brincadeira. Este movimento desvia o debate político relativo a assuntos de grande relevância para assuntos pontuais, como os próprios gestos. Desse modo, membros da extrema direita brasileira que se inspiram na estética da direita alternativa estadunidense fazem uso dessa prática para pautar e conduzir os rumos da política no país. Prova disso é que o enunciado aqui analisado foi produzido durante um período crítico da pandemia no Brasil, durante o qual milhares morriam em decorrência do coronavírus e durante o qual várias críticas, de diferentes setores da sociedade, eram tecidas no tocante à condução negacionista do Governo Federal. Com o acontecimento deste enunciado, entretanto, muitos dos debates que poderiam estar centralizados na pandemia, voltaram-se à sua elucidação.

Assim, o acontecimento da *trollagem* no discurso político brasileiro, materializado em distintas materialidades, como falas e gestos públicos, é possibilitado pelo recrudescimento de discursos autoritários no cenário político do país. Courtine (2006, p. 77), ao estudar o fenômeno autoritário, afirma que “a análise do discurso não pergunta se o que o discurso diz é verdade, mas tenta perguntar como o discurso assegura como verdade o que foi construído”. Então, cabe aos sujeitos que lutam por uma democracia igualitária entender o funcionamento dessa estratégia discursiva, que encoberta discursos de ódio através do humor, e combater os seus efeitos nocivos de perseguição e de imposição de determinadas narrativas como verdadeiras.

4 Conclusão

É a ascensão da extrema direita no cenário político brasileiro, principalmente a partir da eleição de Jair Bolsonaro, em 2018, e o uso massivo das mídias sociais como ferramenta de comunicação política, que viabilizam o uso do humor como uma forma de camuflar discursos de ódio no cenário político brasileiro. Desde a última campanha presidencial, o funcionamento de um humor brutal contra adversários políticos e minorias sociais, materializado através da *trollagem*, vem sendo regularmente utilizado como estratégia retórica do presidente e de seus aliados, sobretudo aqueles que pertencem à sua base ideológica e reproduzem uma estética discursiva advinda da direita alternativa americana, da qual a *trollagem* é componente essencial.

Considerando a dispersão da *trollagem* no interior da luta política, nossa proposta foi a de analisar seu acontecimento mediante dois tipos de materialidades: a fala pública e o gesto público. Com a primeira, analisamos que a *trollagem* retoma algumas características da derrisão, tais como o duplo sentido e a ambiguidade, utilizando tais recursos tanto para deslegitimar a veracidade de acusações sobre práticas políticas, quanto para esquivar-se de questionamentos problemáticos sobre determinados assuntos. Já em relação à prática da *trollagem* materializada em gesto público, observamos que ela não somente integra a política do “apito de cachorro”, fazendo uso de uma linguagem codificada, como também materializa o humor específico da *trollagem*: o humor da superioridade. Um tipo de humor cujo nível de agressividade é conhecido apenas pelo *troll* e pelos integrantes de seu grupo.

Assim, a ascensão da *trollagem* da *deep web* para língua estatal delata o quanto este acontecimento vem produzindo mutações e descontinuidades no discurso político brasileiro e o quanto essa estratégia discursiva é essencial para a constituição estética da extrema direita, principalmente em relação ao uso do discurso de ódio produzido sob o véu da pretensa inocuidade humorística. Trata-se de uma estratégia discursiva que opera com o intuito de ridicularizar o inimigo político e de perseguir sujeitos já historicamente marginalizados, de modo que seu enfrentamento é dever incontornável do compromisso democrático.

Contribuição

Myllena Araujo do Nascimento: Conceptualização, Análise formal, Escrita – rascunho original; **Amanda Braga:** Supervisão; Escrita - análise e edição.

Referências

ALESSI, Gil; HOFMEISTER, Naira. Sites neonazistas crescem no Brasil espelhados no discurso de Bolsonaro, aponta ONG. **El País Brasil**, 09 jun. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-10/sites-neonazistas-crescem-no-brasil-espelhados-no-discurso-de-bolsonaro-aponta-ong.html>. Acesso em: 20 jan. 2022.

ANTUNES, Bruno Conrado Dermartini. **A polarização política nas mídias sociais: o filtro bolha e a disseminação da cultura troll**. 2019. Tese (Doutorado) – Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/1983>. Acesso em: 14 jun. 2021.

AVELAR, Idelber. O bolonarismo e o Partido dos Trolls. **Cult**, 03 jun. 2020. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/o-bolonarismo-e-o-partido-dos-trolls/>. Acesso em: 23 mar. 2022.

AVELAR, Idelber. **Eles em nós: retórica e antagonismo político no Brasil do século XXI**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2021.

BUTLER, Judith. **Discurso de ódio: uma política do performativo**. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

CHIARI, Giovanna. **Da abertura política às eleições de 2018: um estudo sobre as metamorfoses da agressividade no discurso político brasileiro**. 2021. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/14677>. Acesso em: 13 jun. 2021.

COURTINE, Jean-Jacques. **Metamorfoses do discurso político: as derivas da fala pública**. São Carlos: Claraluz, 2006.

FEUERHAHN, Nelly. La dérision, une violence politiquement correcte. **Hermés: la revue. Dérision – contestation**, CNRS, n. 29, p. 185-197, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.4267/2042/14504>. Acesso em: 10 dez. 2021.

FINCHELSTEIN, Federico. **Do fascismo ao populismo na história**. São Paulo: Almedina, 2019.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de novembro de 1970**. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

FOUCAULT, Michel. **O governo de si e dos outros**: curso no Collège de France (1982-1983). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Aulas sobre a vontade de saber**: curso no Collège de France (1970-1971). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.

FOUCAULT, Michel. Sobre a arqueologia das ciências. Resposta ao círculo de epistemologia. In: FOUCAULT, Michel. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Coleção ditos e escritos II. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. p. 82-118.

HAWLEY, George. **Making sense of the alt-right**. Columbia University Press, 2017.

LAMERICHS, Nicolle et al. Elite male bodies: the circulation of Alt-Right memes and the framing of politicians on social media. **Participations**, v. 15, n. 1, p. 180-206, 2018. Disponível em: <https://participations.org/Volume%2015/Issue%201/11.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2021.

MERCIER, Arnaud. Pouvoirs de la dérision, dérision des pouvoirs. **Hermès**, n. 29, p. 9-18, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.4267/2042/14482>. Acesso em: 18 ago. 2021.

NASCIMENTO, Myllena Araujo do; BRAGA, Amanda. O homem viril em evidência: o funcionamento do dispositivo da virilidade em memes da direita alternativa brasileira. **Caderno de Letras**, n. 41, p. 347-360, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.15210/cdl.v0i41.20985>. Acesso em: 23 mar. 2022.

OLSON, Candi; LAPOE, Victoria. "Feminazis", "libtards", "snowflakes" and "racists": trolling and the spiral of silence impact on women, LGBTQIA communities, and disability populations before and after the 2016 election. **Journal of Public Interest Communications**, v. 1, n. 2, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.32473/jpic.v1.i2.p116>. Acesso em: 23 mar. 2022.

POR QUE gesto "OK" de assessor de Bolsonaro está em lista de símbolos de ódio nos EUA. **BBC News Brasil**, 25 mar. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-49861739>. Acesso em: 15 ago. 2021.

ROCHA, João César. **Guerra cultural e retórica do ódio**: crônicas de um Brasil pós-político. Editora e Livraria Caminhos, 2021.

SANTOS, Fabiano; TANSCHKEIT, Talita. Quando velhos atores saem de cena: a ascensão da nova direita política no Brasil. **Colombia Internacional**, n. 99, p. 151-186, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.7440/colombiaint99.2019.06>. Acesso em: 18 out. 2021.

SARGENTINI, Vanice. Discurso político e redes sociais. **Revista da Abralin**, v. 14, n. 2, p. 215-232, jul./dez. 2015. Disponível em:

<https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1264>. Acesso em: 15 jun. 2021.

SILVA, Natália. Olavo de Carvalho incita seguidores contra jornalista. **Abraji**, 17 abr.

2019. Disponível em: <https://abraji.org.br/olavo-de-carvalho-incita-seguidores-contra-jornalista>. Acesso em: 23 mar. 2022.

UNITED NATIONS. **United nations strategy and plan of action on hate speech**.

2019. Disponível em: https://www.un.org/en/genocideprevention/documents/advising-and-mobilizing/Action_plan_on_hate_speech_EN.pdf. Acesso em: 29 out. 2021.

URIBE, Gustavo. Bolsonaro insulta repórter da folha com insinuação sexual. **Folha de São Paulo**, 18 fev. 2020. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/02/bolsonaro-insulta-reporter-da-folha-com-insinuacao-sexual.shtml>. Acesso em: 16 mar. 2022.

URIBE, Gustavo; COLETTA, Daniel Della; CARVALHO, Daniel. Senado cobra afastamento de Filipe Martins, e Bolsonaro procura cargo de compensação para aliado. **Folha de São Paulo**, 25 mar. 2021. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/03/senado-cobra-afastamento-de-filipe-martins-e-bolsonaro-procura-cargo-de-compensacao-para-aliado.shtml>. Acesso em: 21 jan. 2022

VEJA quais foram as mentiras à CPMI de ex-funcionário de empresa de disparo em massa. **Folha de São Paulo**, 18 fev. 2020. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/02/veja-quais-foram-as-mentiras-a-cpmi-de-ex-funcionario-de-empresa-de-disparo-em-massa.shtml>. Acesso em: 16 mar. 2022.

Recebido em: 30 de março de 2022

Aceito em: 17 de maio de 2022

Publicado em agosto de 2022

Myllena Araujo do Nascimento
E-mail: myllenaaraujonascimento@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7480-9265>

Amanda Braga
E-mail: amanda.braga@academico.ufpb.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6026-5017>